

RELIGIÃO E PÁTRIA.

PERIODICO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO.

RESPONSÁVEL — T. G. DE SOUSA PINTO.

NUMERO 20

QUINTA FEIRA 12 DE MARÇO DE 1863

1.ª SERIE.

GUIMARÃES 11 DE MARÇO.

A UNIFICAÇÃO DA ITALIA.

III.

Os revolucionarios levantam a cabeça de tempos em tempos, e assumem o supremo poder nos negocios publicos, mas, mau grado seu, ficam sempre submergidos debaixo das ruínas do seu proprio edificio, e nem por isso têm já desistido do seu intento, nem se inclinam a desistir.

A historia, conservadora fiel dos factos, apresenta em seus annos varios exemplos, que não põem em dúvida estas nossas asserções, e nós, n'esta época, estamos observando que se não poupam esforços para se operar uma alteração universal tanto na politica, como na egreja, reformando-se tudo em conformidade com o pensamento revolucionario; mas vemos também serem infructiferos esses mesmos esforços.

A unificação da Italia já foi tentada em 1848. Então a revolução estalou em Roma, e o conde Rossi, ministro de Sua Santidade o actual Pontífice Pio IX, foi a victima do furor d'ella. Já então os revolucionarios deixaram claros vestígios do que eram, como sempre foram, e ainda são: — humanos nas palavras, ferozes no coração: — piedosos na apparencia, impios nas acções: — liberais em theoria, despotas na pratica. O punhal, instrumento com que se perpetrò o assassinio do conde Rossi, foi levado em triumpho pelas ruas, collocado sobre um altar e ali reverenciado como se fosse uma reliquia sagrada.

Este e outros actos de similhante quilate são tão proprios dos revolucionarios! E na verdade não devem ser estranhados em homens que divinizam as paixões, e desobedecem com a menos sem-cerimonhia a todas as leis divinas, e humanas, porque não reconhecem outra que não seja a sua propria vontade.

E não é para admirar que os revolucionarios de Roma obrassem d'este modo; pois que os de França, no fim do seculo passado, depois de terem decretado a religião catholica extinta e as santas imagens e o culto externo proscripto, começaram a render culto à *divina Razão*, que na pessoa de uma prostituta levaram em procissão pelas ruas de Paris, collocaram sobre um altar sagrado, e ali lhe prestaram actos de adoração!... a decencia pede que não prosigamos na descripção de tão horroroso quadro! limitando-nos a dizer somente que os revolucionarios se têm sempre mostrado amantes e apreciadores de espectaculos d'esta ordem.

A revolução de 1848 foi um preludio dos factos da actualidade. Já então os revolucionarios, arrogando o nome de povo, decretaram extinto o poder temporal dos Papas. Em vão tentaram sustentar a sua obra, pois que tão breve foi destruida. Achiavam-se sós no campo, e por isso eram impotentes para tão grande empreza. Nenhum dos principes da Italia lhes deu apoio. Todos os principes catholicos reprovaram similhante revolução. E a França, a cujos monarchas cabe a gloria de, em eras passadas, acceder aos rogos dos Pontífices Romanos, livrando a cidade de Roma das invasões dos barbaros, e de ser quem primeiro doou a egreja uma porção de territorio, no qual os Papas começaram a exercer o poder temporal, envia os seus valentes soldados para vencerem a revolução, resgatarem do exilio, e restituírem á cadeia de S. Pedro o Nosso Santissimo Padre Pio IX refugiado em Gaeta.

Em vão lutaram contra os soldados francezes os revolucionarios, e mormente Garibaldi commandante

das tropas romanas: foram vencidos e refiraram-se do territorio da egreja.

Entre os principes reinantes da Italia contava-se Carlos Alberto. Este monarcha muito liberal e de altos sentimentos de verdadeiro catholico, escreveu a Pio IX exprimindo o seu pezar de não ser elle quem o restituísse ao solio pontificio. Já então se achava também a braços com as pretensões dos revolucionarios que eram em numero crescido nos seus estados e desempenhavam as funções dos principaes cargos junto á sua pessoa, e o instavam a que decretasse uma constituição. Bem conhecia elle o que lhe pediam, e tanto que para responder-lhe em certa occasião, tomou uma folha de papel, e escreveu n'ella por sua propria mão o seguinte artigo: — a religião da Sardenha é a catholica apostolica romana, unica verdadeira — e dirigindo-se aos ministros lh'a entregou, proferindo estas palavras pouco mais ou menos «ahi tendes; vós agora escrevei o mais».

Não era necessario tanto para que Carlos Alberto cahisse no desagrado dos revolucionarios, nem mais era preciso para elles lhe apressarem a queda; e... conseguiram-n'o, impellido-o a agredir sem auxilio algum a Austria, potencia muito mais valente, mais atestrada na arte da guerra, e com muitos mais elementos do poderio, do que o Piemonte. D'este modo lhe fizeram experimentar o desastre de Novara, motivo pelo qual se refugiou a corôa, e a refugiar-se n'um paiz estranho, e quem sabe, se também foi a causa da morte o arrebatado com tanta brevidade.

Assim se viram os revolucionarios livres de um tyranno que lhes entorpecia o andamento dos seus projectos; e foram encontrar em seu filho successor da corôa um desvellado servidor, sempre prompto a condescender com elles, a favorecel-os e a auxiliá-los nos seus accommettimentos.

E' impossivel duvidar-se de que Victor Manoel pactuou com a revolução; elle que declarou que a sua espada estava ao serviço da Italia. E foi então que os revolucionarios começaram a dar andamento aos seus projectos com mais desafogo.

Agora que a propaganda protestante tem empenhado todos os seus esforços por viciar no coração da infancia os sentimentos de piedade e religião; agora que a impiedade põe em pratica todos os ardis da sua infernal astucia para rebelar este catholico povo de Portugal contra as determinações da Santa Sé, e contra as augustas verdades da revelação; agora que o protestantismo pretende invadir ás claras este nosso paiz, e proscrever d'elle a santa religião catholica apostolica romana; e agora que os verdadeiros catholicos, os homens de profundas e sinceras crenças religiosas devem empenhar-se em oppor a essa invasora torrente um dique forte e seguro, que valha a suster-lhe o impeto audacioso e devastador.

E' preciso, que, se a propaganda procura perverter a infancia espalhando pelas escolas bonitas edições de livros impios, hajam almas sinceramente devotadas á causa da religião e da humanidade, que espalhem por essas mesmas escolas livros, que pelas suas genuinas e puras doutrinas catholicas, sirvam a contrabalançar e prevenir as funestas impressões d'aquellas nelandas doutrinas.

E' preciso, que, se a impiedade insinuar, como tem insinuado, no animo do nosso bom povo as suas perigosas maximas, haja nua apostolação constante e decidida das boas e sãs doutrinas religiosas, apostolação que deve ser feita na imprensa, nos livros, no

parlamento, nos pulpitos, nas praças, por toda a parte.

E' preciso que se opponha ideia a ideia, empenho a empenho, esforço a esforço.

E felizmente que assim vai succedendo.

A voz auctorizada e grave de dois insignes prelados da Egreja Lusitana, que já se fizeram ouvir n'uma das casas do parlamento, protestando contra a invasão que o poder civil pertende fazer no poder ecclesiastico; a opposição corajosa, que, da parte dos jornaes catholicos, é feita ás doutrinas heterodoxas, que por ali se espalham; a pia resolução de alguns virtuosos sacerdotes da capital d'este districto, que, do melhor grado e com a melhor vontade estabeleceram escolas de doutrina christã, e espalham pela infancia os melhores livrinhos que modernamente se tem escripto para a educação, como o *Resumo do Catecismo de Perseverança*, as obras de Mr. Segur, etc., tudo isto nos faz crer, que a impiedade e a propaganda não hão-de alcançar seus fins, sem uma tenaz e vigorosa reacção.

Entre nós houve também um benemerito cidadão que para impedir e prevenir os efeitos desastrosos das tentativas da propaganda, mandou vir uma boa porção dos livros de mais nomeada que modernamente se tem escripto sobre as questões da actualidade, e assumptos religiosos.

Em casa do sr. Domingos Antonio de Freitas por ordem, actual-se pôs a venda, por indicissimos preços os seguintes livros:

O Papa, questões da ordem do dia, por Myr. L. G. Segur.

A Egreja — idem.

Respostas concisas e familiares ás objecções mais vulgares contra a religião — idem.

A revolução dedicada aos mancebos — idem.

A Biblia da Natureza ou a religião catholica demonstrada pela natureza e razão — por Joaquim Maximo Virgíneo Gomes.

A profanação do Domingo.

Recomendamos aos vimaranenses, e principalmente aos paes de familia a compra e leitura d'estes substanciosos livros, para impedirem que a propaganda insinue o lethal veneno de suas doutrinas na educação da infancia e mocidade inexperiente.

DISCURSO PROFERIDO PELO SR. DEPUTADO PINTO COELHO, NA DISCUSSÃO DO PROJECTO DE LEI DE REFORMA DO ENSINO, NAS SESSÕES DA CAMARA DOS DEPUTADOS DE 14, 16 E 17 DE MAIO DE 1862.

Sessão de 16 de Maio

(Continuação).

«A Egreja livre no Estado livre» foi a formula politica e diplomatica, de que o conde de *Cavour* revestiu as pretensões francas e declaradas de *Mazzini* e *Garibaldi*, quando as perfilhou e officialmente as fez suas.

A formula é diversa, porque nas regiões diplomaticas nunca se chama ás coisas pelo seu nome: mas a essencia é a mesma.

Despoja-mos a Egreja para a tornarmos livre!...

Nos ducados disse-se: despojemos os duques, para libertarmos os ducados.

Mas agora o paradoxo é mais cynico ainda: despojemos a Egreja para libertarmos a Egreja!

Mas liberal-a de que? Liberal-a do que ella tem e nós queremos para nós.

Liberal-a da independência, da dignidade e da propria força da sua acção, que nos faz mal, e que nós não queremos que ella tenha.

E' esta *liberdade* que o governo, que a minoria da commissão quer para a Igreja?

Pois é essa exactamente a que nenhum catholico pelo querer: é essa a que eu como catholico solemnemente rejeito.

Se como catholico, sr. presidente, detesto a revolução Italiana; tambem, como portuguez me é impossivel sympathisar com ella.

O principio fundamental que regula os deveres dos homens, e os das nações, entre si, é que ninguém tem direito de fazer ou desejar aos outros o que não quer para si.

E por que eu não quero que em tempo nenhum, e por nenhum principio, se faça a Portugal o que acaba de fazer-se aos ducados, ao reino de Napoles, e a parte dos Estados Pontificios, é que eu como portuguez não posso sympathisar com o *reino de Italia*.

A nacionalidade de um paiz está ligada com a propria dignidade do homem porque envolve, resume em si o direito de propriedade, o da familia, o da sociedade, e o da independência.

Mas se nós queremos que este direito se respeite em nós, porque principio havemos de applaudir quem o não respeita nos outros?

Com que titulo foi o Piemonte apossar-se de Parma, de Modena, de Florença de Napoles, de parte dos Estados Pontificios, e pertende ainda hoje apossar-se de Roma?

Que direito de successão invoca? Que contracto? Que serviço? Que titulo, senão o da força, e o da traição?

O sr. ministro da marinha disse, respondendo ao sr. Casal Ribeiro, que se os piemontezes eram estrangeiros em Napoles eram igualmente nos ducados: mas que n'uma e n'outra parte o suffragio universal os declarára *naturaes*; e que para expulsar de Napoles os estrangeiros é que lá foram os piemontezes.

Eu concordo com o sr. ministro em collocar os ducados a par de Napoles; e n'essa parte permitta-me o illustre relator da maioria da commissão que discordem-se pela justiça: não se medem pela extensão territorial de nenhum paiz. A causa é a mesma: e quando se estabelece um principio é mister aceitar-lhe todas as suas consequencias.

Mas invocaes o suffragio universal?

E' n'elle que suppondes estar a expressão livre da vontade do povo?

Então, por que o não estabeleceis cá?

Rejeitais-lo; continuaes a substitui-lo pelo censo, porque desconfiaes do voto universal?

Então, porque o invocaes lá fora?

Mas... seriamente: ignoraes como foi havido esse suffragio universal?

Esse suffragio, pedido e recolhido, sob a pressão de um exercito invasor; no meio do estridor das armas; e por entre os horrores da conquista e da guerra civil?

Se o não sabeis, esperae, que eu vo-lo digo.

Tenho diante de mim um folheto que por ali corre impresso por um dos proprios collaboradores d'esse suffragio.

«As eleições (diz elle) fizeram-se poucos dias depois...»

«Tinhamos exigido os registros das parochias para fazer o recenseamento dos electores, e depois preparámos as listas.»

«Para as eleições das assembleas locais, assignamos mais tarde para o voto da amerciação apresentouse um diminuto numero de electores á votação; e por isso nós no momento de fechar as urnas, detinhamos-lhe dentro as listas já se sabe em sentido piemontez; d'aquelles que não tinham comparecido.»

«E' superfluo dizer que deixamos de parte alguns centenares ou milhares de listas conforme a população do circulo. Cumpria salvar as apparencias, ao menos por causa dos estrangeiros: porque nas localidades todos sabiam o que se fazia...»

«Nalgumas assembleas a introdução nas urnas e as listas dos que se tinham absteido de votar (chamados a isto completar o voto) fez-se com tanto desmahe, e pouca attenção, que a verificação do escrutinio

«deu maior numero que o dos electores recenseados. Em taes casos remediou-se o mal feito com uma rectificação na acta.»

«Quantas listas negativas, ou contrarias ao Piemonte, necessarias para dar ao suffragio uma apparencia de verdade, remettemo-nos aos proprios electores.»

«No que respeita a Modena, posso fallar por que se fez tudo diante dos meus olhos, e debaixo da minha direcção. Em Florença e em Parma succedeu tudo pelo mesmo modo.»

Aquí tem v. ex.^a, sr. presidente, o que foi o suffragio universal, e contado por testemunha insuspeita.

Foi o silencio dos electores interpretado pelos falsificadores do escrutinio, em beneficio do Piemonte.

E se esse silencio, se essa submissão, se essa resignação basta para *naturalisar* os piemontezes nos paizes conquistados; olhem que nós já cá tivemos duas scenas semelhantes, e vejam onde nos leva essa doutrina:

Não vimos nós hasteada entre nós em 1580 a bandeira da *unidade da Peninsula*?

Com que direito hade rejeitar a *Peninsula Iberica* quem engraca tanto com a *Peninsula Italica*?

Ha differença? Sim, senhores; mas é a favor da *Peninsula Iberica*, porque Philippe II de Hespanha ainda invocava um direito de successão, que não era tão destituído de razões que não fosse perlihado, e officialmente reconhecido pelos regentes do reino; e *Gabibaldi, Mazini, e Victor Manuel* nem isso invocaram.

Em 1837 hasteou-se aqui novamente a bandeira da *unidade*: e não era uma unidade tão circumscripita e limitada, como a do seculo XVI: ia ainda além dos Pyrneos, e tambem alem dos Alpes: era muito mais magestosa e imponente que a de 1580.

E todavia: nem porisso se consolidou.

Subjeitámo-nos aos hespanhoes, e depois aos francezes, enquanto nos forçaram a isso: logo que podemos sacudimo-nos do jugo, e libertamo-nos.

«Os Piemontezes foram expulsar de Napoles os estrangeiros!»...

E ignora o sr. ministro da marinha que os francezes tambem disseram o mesmo de nós?

Elles não disseram que vinham conquistar-nos: proclamaram que vinham *libertar-nos dos inglezes*.

E' a historia de hontem: não ha direito de a ignorar.

E se não queremos que amanhã nos *libertem* outra vez, *á franceza, ou á hespanhola*, que para o caso vale o mesmo; não estejamos aqui a applaudir todos os dias os que foram *libertar* os ducados e o reino de Napoles... *á piemonteza*.

Reparai bem que o principio pode amanhã virar-se contra nós!

E se de certo o não viram com o meu assentimento, que bem claramente emitto aqui as minhas opiniões; nem com o assentimento da grandemaioria dos portuguezes...

O sr. Casal Ribeiro: — De todos.

O orador: — Eu já aqui o disse uma vez. Não ha para mim facto que traduza, que exprima melhor o estado d'ultima abjecção moral do individuo, do que o facto, por via do qual elle entrega ao estrangeiro o dominio da nação a que pertence. (Apoiados.)

Mas se toda a camara, se todo o paiz me acompanha n'este sentimento, não quizeramos uma lei para nós, e outra para os outros.

O que seria crime em Portugal, é de certo um crime na Italia.

Zelamos e respeitamos todas as nacionalidades alicias para que nos respeitem e zelem a nossa.

(Continúa)

DISCURSO PROFERIDO PELO DIGNO DEPUTADO O SR. VISCONDE DE PINDELLA NA Sessão DE 28 DE FEVEREIRO.

O sr. Visconde de Pindella: — Tenho a honra de remetter para a mesa uma representação da veneravel ordem terceira de S. Francisco da cidade de Guimarães, pedindo providencias relativamente ao papel-moeda, e para que seja convertida em lei a proposta apresentada pelo governo ás cortes na sessão de 18 de

Novembro de 1858, creio que é uma proposta de lei apresentada pelo sr. ministro da fazenda, que era n'esse tempo o sr. Antonio José d'Avila, que providenciava a este respeito.

V. ex.^a, a camara e todos sabem que o papel-moeda não tem curso legal, porque o seu valor é incerto, de maneira que é um valor de esperanza, de esperanza... de que um dia se faça justiça; e conquanto eu acredite que ella venha a fazer-se, e que este papel venha a ter o valor que tinha em outro tempo quando foi recebido por aquelles que hoje o possuem, contudo não posso deixar de fallar n'este objecto, porque ha vinte e tantos annos que elle está sem ter valor nenhum! E' uma questão muito grave, e de justiça que se resolva por uma vez *apoiados*. A veneravel ordem terceira pede que seja indamnizada, por qualquer modo, do grave prejuizo que está soffrendo no seu rendimento.

Se visse presente o sr. ministro da fazenda faria mais largas considerações a este respeito, ainda que o objecto pelo seu simples enunciado se vê que é de justiça, e que o governo e os poderes publicos não podem deixar de providenciar a este respeito, muito mais quando se dão estas inconveniencias em corporações como esta, cuja representação tenho a honra de mandar para a mesa; porque tem um hospital aberto para receber os irmãos doentes, e que pôde servir de modelo a todos os hospitaes d'este reino; além dos socorros que diariamente presta aos seus irmãos necessitados, e que tendo uma parte dos seus fundos n'esta qualidade de moeda, soffre gravissimos prejuizos; e esse mal pôde e deve deixar de existir, dando-se um valor legal ao papel-moeda, como até o nosso credito o exige imperiosamente *apoiados*, e não um valor de esperanza, que se não fóra esta nem o minimo que tem hoje no mercado teria. Pedja a v. ex.^a que se dignasse mandar esta representação á illustre commissão de fazenda, ou a qualquer outra que v. ex.^a julgar mais competente; mas peço á illustre commissão, e especialmente ao meu amigo, o sr. Placido de Abreu, digno membro d'ella, e que vejo presente, que attenda a este negocio, que não diz respeito somente a esta corporação, é por assim dizer um negocio que chega a todos, ou pelo menos a muitos, e multissimos soffrem com este estado de cousas.

Por occasião do voto da commissão de fazenda a attenção igualmente da illustre commissão de fazenda, ou a de algum dos seus membros, relativamente aos direitos de portagem e barreiras nas estradas do Minho.

O illustre deputado a quem me refiro, o sr. Placido de Abreu, foi um dos primeiros que mais ardentemente combaten este injustissimo imposto, porque na verdade ou exista em todas as partes ou deixe de existir em nenhuma! *(Apoiados)*. Mas só no Minho! No Minho porque tem gente para as estradas!

Não sei se os fundos que nós votamos para a viação publica comportarão que se tirem d'elles estas verbas, porque primeiro que tudo é necessario saber se é indispensavel que para occorrer ás despesas da viação publica existam estes tributos; mas se assim for generalise-se a todo o paiz, e não seja só um odioso imposto para a bella provincia do Minho, que já ha a honra de representar, assim como o illustre deputado e meu amigo, que tão dignamente a representa n'esta casa. E' um dever da minha parte, que cumprirei sempre, enquanto tiver a honra de occupar esta cadeira.

Como se trata do orçamento e como ha dois ou tres dias disse aqui o illustre deputado por Villa Nova de Famalicão, que no orçamento se tratava do ministrio das obras publicas, entendo que é esta a occasião mais propria de chamar a attenção da illustre commissão de fazenda, do que quando o orçamento vier á discussão, porque então é sempre mais difficil. (O sr. Placido de Abreu: — Poco a palavra.) Chamo tambem a attenção da illustre commissão de fazenda a respeito das classes inactivas, e visto que o illustre deputado o sr. Placido de Abreu já teve a bondade de pedir a palavra, de certo terei resposta satisfactoria.

Sr. presidente, esta questão é uma questão velha para mim, e creio que desgraciadamente tambem para a camara: para os que soffrem as tristissimas consequencias d'ella é que com toda a certeza o é! *(Apoiados)*. E toda a gente conhece a justiça que assiste áquellas infelizes classes, e o direito que têm de ser attendidas. Estão no ultimo quartel da vida, muitos d'elles individuos já não existem, e outros, sr. presidente, vão desaparecendo, e eu entendo que a commissão não

deixará de ser benevolenta para com elles, e a benevolencia n'este caso é a mais rigorosa justiça; e é isto o que eu peço á illustre commissão, e espero que ella attenderá este pedido, por honra nossa e do paiz, que representamos aqui. Não sejamos generosos, sejamos justos (apoiados), e cumpramos mesmo o nosso dever, que é este.

Recebo agora mesmo, sr. presidente, uma outra representação dos dignos provedor e mesarios da santa casa da misericórdia de Guimarães, pedindo também providencias sobre o papel-moeda. Digo a respeito d'esta representação o mesmo que já disse a respeito da veneravel ordem terceira de S. Francisco; acrescentarei contudo, que se aquella veneravel ordem tanta falta lhe faz e ter este diabeiro sem valor algum, muito mais a esta illustre corporação deve fazer, que tem um hospital geral onde ha muito mais precisão de recursos, e onde nós todos sabemos por consequente que as despesas são muito grandes, e muitissimo o podem ser de um dia para outro; portanto mandei para a mesa esta representação e peço a v. ex.ª que lhe dê o mesmo destino que derá outra que ha pouco mandei para a mesa: prometendo eu, sempre que possa, chamar a attenção do governo a este respeito.

CORRESPONDENCIA.

Sur. Redactor

Chegando ainda agora ao meu conhecimento uma publicação com o título = Attenção sobre a herança de Francisco Antonio Braga = na qual Antonio de Oliveira, do logar da Batoca, freguezia de Nogueiró, da comarca de Braga, e outros que se dizem legitimos herdeiros do dito fallecido Francisco Antonio Braga, tractam por indigno o parochio da freguezia de S. Torquato, querendo attribuir-lhe a falsificação feita no livro dos baptisimos d'esta freguezia a fl. 9 vers. não posso ficar silencioso deixando de mostrar ao publico que qualquer arguição, ou allusão que se me faça a este respeito é mal cabida, e calumniosa, porque nem directa nem indirectamente concorri para tal falsificação, e em poucas palavras o demonstro.

Eu estive ausente da minha egreja, e freguezia de S. Torquato, e ali fui confinante do reino desde os principios do anno de 1854, até os principios do anno de 1858, e em todo este tempo estive a minha egreja e freguezia parochiada por diversos encomendados.

E' este um facto do dominio do publico e que se prova com documentos authenticos, e até pelo registro das cartas de encomendação que se passaram desde o 1.º de Abril de 1854 até 29 de Janeiro de 1858.

Aquelle Francisco Antonio Braga falleceu na cidade de Lisboa em 18 de Dezembro do anno de 1855, e em 19 de Novembro de 1856 já se vê passada por um dos encomendados da minha egreja uma certidão do assento de fl. 9 vers. da qual hoje se ach-

Logo, estando eu ausente da minha egreja desde os principios de 1854, até aos principios de 1858, e fallecendo a pelle Francisco Antonio Braga em 18 de Dezembro de 1855, e vendo se a certidão do assento de fl. 9 vers. passada em 19 de Novembro de 1856 tal qual hoje se ach, segue-se que a ter havido falsificação no dito assento de fl. 9 vers. não concorri eu para ella de modo algum.

Peço, sr. redactor, o favor de publicar esta minha correspondencia para verdadeira informação do publico, e dar um formal desmentido á allusão que se me faz na alludida publicação dos herdeiros do fallecido Francisco Antonio Braga, pois que se estes herdeiros ou o anonymo de tal publicação soubessem d'aquelles factos não se dignariam ao Parochio de S. Torquato, mas contra o verdadeiro autor, ou auctores da falsificação, e de-de já emprazo esses herdeiros, ou o anonymo de tal publicação para se desdizerem pela imprensa, pena de serem tidos como calumniadores.

S. Torquato 6 de Março de 1863.

O Prior Francisco Joaquim de Sousa:

(Segue-se o recabecimento).

Por falta de espaço não publicamos hoje os documentos relativos a este assumpto, o que faremos oportunamente.

REVISTA DOS JORNAES.

EXTERIOR

ITALIA.

A cerimonia da apresentação das credencias do duque de Saldanha, embaixador de Portugal junto ao Summo Pontifice, foi sobremaneira esplendida, e fez recordar os antigos tempos, de sorte que todas as correspondencias de Roma dizem que difficilmente se tornará a ver uma apresentação de embaixador igual a esta.

O duque ia n'um soberbo coche, encomendado expressamente em Londres para tal fim, seguido de 6 magnificas carroagens em que iam os individuos da embaixada. Rompia o prestito um esquadrão de dragões pontificios e outro o fechava.

O duque foi recebido no alto da escada do Vaticano por Monsenhor Borromeo, e introduzido á presença de Sua Santidade por Monsenhor Pacca. Depois foi visitar os tumulos de S. Pedro e S. Paulo.

No mesmo dia deu o duque um esplendido baile no palacio Torlonia, a que concorreram mais de quinhentas senhoras, entre as quaes se contavam algumas príncizas.

O theatro d'Alibert, em Roma, foi consumido por incendio. Suppunha-se que o fogo fora lançado por malevolencia. Os soldados francezes, sob a direcção do general Montebello, trabalharam com os romanos para a extinguição do incendio. O Summo Pontifice mandou socorros aos artistas do theatro incendiado, e deu licença para que se fizessem concertos em beneficio dos mesmos.

Um tal Fausta, que estivera ao serviço do Cardeal Antonelli foi prezo, por ser denunciado conspirador.

Notam-se desintelligencias entre o cardeal Antonelli e Lord Russell. Este nega ter escripto carta alguma, manifestando sentimento de que o Papa não saísse de Roma; assim como a oferta da ilha de Malta para azylo de Sua Santidade; o cardeal porém rectifica os factos transformados pelo ministro inglez. O papa nunca reclamou a hostilidade ingleza, mas lord Russell é que em Dezembro lhe offereceu Malta para azylo.

O cardeal julga-se no caso de cortar todas as relações com Lord Russell pelo abuso que fez no parlamento inglez dos despachos d'este diplomatico.

Em Turin consta que Victor Manoel não está em muito boas relações com os seus ministros, e assegura-se que Sua Magestade deixara de assignar alguns decretos, os quaes deixará sobre o seu bafete de despacho, sem lhe dar andamento.

O empréstimo de 700 milhões de francos pedido pelo governo de Turin ao parlamento foi aprovado por 204 votos contra 32.

Em Napoles continua o mesmo estado de cousas. Aquelle paz ainda soffre os horrores da guerra civil.

Continuam as melhoras de Garibaldi, pois que, diz-se, já passeia de mulhetas para a praia.

HESPAHIA

A rainha de Hespanha reusou a sua assignatura ao decreto da dissolução das cortes, apresentado pelo ministerio presidido pelo duque de Tetuan, e em virtude d'isto o ministerio pediu a demissão que lhe foi concedida.

O novo ministerio hespanhol foi composto dos seguintes membros. — Presidente do conselho, e ministro dos negocios estrangeiros, Marquez de M. rrañores; — ministro da fazenda, Sierra; — da guerra, Marquez de Havana; — do reino, Vaamonde; — da justiga, Monares; — da marinha, Matay-Alos; — das obras publicas, Moreno.

Pelos precedentes de alguns d'estas ministerios, cre-se que este ministerio não lisongeará os amigos da revolução.

POLONIA

Segundo as noticias que colhemos dos diversos jornaes, o estado da Polonia parece tornar-se cada vez mais grave. A insurreição augmenta; e os insurreccionados, além de outras partidas, já contam um corpo de 15:000 homens armados e disciplinados.

A Russia envia para alli tropas numerosas.

REVISTA NOTICIOSA.

Chegada. — Acaba de chegar a esta cidade o nosso particular amigo João Pereira da Silva Guimarães, que á 3 para 4 annos tinha ido ao Brazil ultimar os seus negocios.

Recordamo-nos ainda com saudade d'aquella noite em que s. s.ª fez a sua despedida na «Sociedade Recreativa», de que é dignissimo director.

Foi uma noite cheia, e que jamais se nos hão de apagar da lembrança.

Outra. — Acha-se n'esta cidade o sr. Augusto Soromenho, que vem como commissario do governo, recolher os titulos e documentos anteriores a 1:600, que se acham no cartorio do cabido de esta cidade, isto conforme as determinações do decreto de 2 de Outubro.

Theatro. — Temoz tido em o nosso theatro repetidos espectaculos pela Companhia Nacional, cuja chegada noticiamos em o numero passado.

O espectaculo que tinha sido annueciado para a quinta feira passada, e que não pôde ser realisado por causa do incommodo do actor Amaral, foi substituido por outro, em que se notou da parte de alguns actores, pouco fôrmero na decoraçáo dos seus papeis.

No sabbado subiu á scena o espectáculo que tinha sido annueciado para a quinta feira.

A «Griz do matrimonio» além de ser uma composiçáo de mediano merito, pôde dizer-se que não agralou, por serem os papeis distribuidos pouco a caracter.

A comedia em um acto «Quero e não quero» foi geralmente bem desempenhada.

A joven Lucinda, que representou o papel de Emilia, revelou muita vocaçáo artistica, e bastante talento. Com mais algum estudo pode vir a ser uma boa actriz.

Os outros actores, que eram os sr. Pereira e Amaral, andaram magistralmente nos seus papeis.

A sr.ª Gertrudes, que representou o papel de viscondessa, é uma actriz de incontestavel merito, e muito amestrada nos segredos da arte.

Mas onde o seu merito realçou d'uma maneira admiravel foi, na noite de segunda feira, na comedia «Uma viagem a uma provincia», em que ella desempenhou o papel de protagonista.

Os bravos e as palmas espontaneas, com que, da platée e camarotes, foi laureada a insigne actriz são a mais completa e justa homenagem ao seu talento artistico.

A declamação correcta e insinuante, o gesto natural e despretencioso, a inflexão da voz moleza e admiravelmente pela variedade de sentimentos que manifestava, enfim tudo revela na sr.ª Gertrudes uma actriz d'um merito incontestavel.

Oxalá que continuemos a ter occasião de admirarmos, como sinceramente a admiramos na noite de segunda feira.

Hoje ha tambem espectáculo d'assignatura, que constará da — Opera comica em um acto — «Amor aos bofetões», e das comedias em 1 acto — «A nota do Barão» e «O diabo a quatro n'uma lapedaria».

Beneficio. — E' sabbado o beneficio dos jovens actores, José Ferreira e Carlos da Silva, no qual tem de subir á scena um bonito espectáculo.

Os beneficiados são dignos, pelos seus merecimentos, de que o illustrado publico vimaranense os acolha com benevolenta protecção, e por isso julgamo-nos dispensados de recomendar este beneficio.

Outro. — ^{Quinta feira 19 e que teve logar} No sabbado 24 do corrente tem de ser o beneficio do actor Ferreira (pae), e do sr. Santos, (ponto).

O benevolento e illustrado publico vimaranense não deixará por certo de concorrer a este espectáculo, cujo producto vai beneficiar dois individuos, um d's quaes, o sr. Santos, é já aqui muito conhecido pela sua dedicaçáo a esta terra, onde vem todos os annos.

Recomendamos pois aos nossos estimaveis patriotas este beneficio, para o qual nos consta que os beneficiados têm um escolhido espectáculo, não se poupando a esforços para o tornar brilhante.

Apresentaçáo. — Por decreto de 4 do corrente foi apresentado precedendo concurso documental na greja matriz da Povoação de Varsina o rd.º Antonio José F. A. da Gama, parochio de S. Miguel de Christello.

A Voz da Liberdade. — É este o título d'um novo periódico que se publica no Porto, e de que recebemos os primeiros números.

É político, noticioso, religioso, e commercial.

Agradecendo a remessa desejamos ao novo collega vida de dilatadas venturas.

Oleo petroline amarello. — Não sabemos ao certo a razão, ou causa fundada que auctorisára opiniões desenontradas acerca da melhor e mais vantajosa qualidade do *oleo petroline*. Ignoramos o motivo por que se quiz pôr em duvida a superior vantagem do *petroline amarello*, sobre o *petroline branco*, quando todos deviam saber que o *petroline branco* para chegar a adquirir esta côr tem de passar por uma operação ou processo em que diminue uma grande parte da sua substancia, o que faz com que a sua luz seja menos forte, e menos clara, e a sua duração muito mais limitada. É muito facil fazer a experiencia que está ao alcance de todos. Depois do que dissermos a este respeito nas columnas do nosso jornal em data de 24 do mez proximo findo, temos tido algumas reclamações, que attenderiamos com toda a imparcialidade e justiça se não viessem desacompanhadas de toda a prova conclusente. Não bastam palavras exaltadas nem contra-sensos ditados sem conhecimento de causa, e expostos com descortezia: venham as provas, e os documentos, e a urbanidade indispensavel, e que é de costume e uso n'este jornal, e aqui serão recebidas com franqueza e lealdade quaesquer reclamações; em quanto assim não praticarem, havemos de sustentar que o *oleo petroline amarello* tem muito mais substancia do que o *petroline branco*, e é por esta circumstancia que dá a luz mais pura e mais brilhante, e que pela mesma força de razão é de mais duração e maior vantagem para quem o usa. É finalmente por todos estes predicados que é muito mais procurado, e geralmente adoptado tanto no nosso paiz como nos estrangeiros.

Voltaremos ao assumpto se preciso fór.

(A Época)

Despotismo. — Cartas de Elvas dizem-nos que no dia 14 do passado mez entraram n'aquella cidade os 50 soldados de caçadores 3 que tinham sido degradados para a Africa por determinação do snr. visconde de Sá, e por cujo despotismo terá mais tarde de prestar contas com o augmento de bom juro.

Os soldados foram mandados 25 para o forte da Graça, e outro igual numero ficou no quartel de infantaria 4. De cada fração tomou conta um official subalterno que com antecedencia tinham sido nomeados. Logo que chegaram, comeram o rancho que lhe estava preparado e marcharam aos quarteis que lhe estavam destinados.

O estado em que estes desgraçados alli chegaram enterneceu a todos que os viram: o official que alli os conduziu informou d'elles o melhor possível: a subordinação e obediencia d'estes infelizes foi durante a marcha exemplarissima, não obstante os sofrimentos que se lhe divisavam nos rostos. Sensibilisava ouvir um anspeçada que com 19 annos de serviço, dizia elle, nunca tinha soffrido a mais leve correcção, nem faltado aos deveres da disciplina e da obediencia, e agora juntava elle, depois de um degredo, vou para o forte da Graça, e que sei eu onde me levará a sorte? Sou ainda militar e o meu dever é obedecer, foi sempre esta a minha divisa.

Os sargentos do extinto 6, que se acham degradados no forte da Graça estão-se sustentando ha mezes quasi que a pão e agua, pois que desde setembro não receberam pret. É este mais um facto que deve ficar registrado nas negras paginas do livro dos despotismos do v. de Sá.

Egrejas a concurso. — Mandou-se abrir concurso para o provimento das egrejas parochiaes, constantes da seguinte relação:

Aveiro (Nossa Senhora da Gloria) concelho de Aveiro, diocese de Aveiro.
Villar de Ferreiros (S. Pedro), concelho de Mondim de Basto, diocese de Braga.
Guarda (S. Vicente), concelho de Guarda diocese de Guarda.
Monsanto (Divino Espirito Santo), concelho de Torres Vedras, diocese de Lisboa.
Muge (Nossa Senhora da Conceição) concelho de Benavente idem.
Paço (Nossa Senhora do Pranto), concelho de Torres Novas, idem.
Paio de Pelle (Nossa Senhora da Conceição), concelho da Barquinha, idem.
Peniche (S. Pedro), concelho de Peniche, idem.
Ranhalhal (S. Lourenço), concelho de torres Vedras, idem.
Ribeira (Nossa Senhora da Conceição), concelho de Torres Novas, idem.
Tornada (Nossa Senhora da Anunciada), concelho das Caldas da Rainha, idem.
Torres Novas (Santissimo Salvador), concelho de Torres Novas, diocese de Lisboa.
Troviscal (S. Vicente), concelho da Certã, idem.
Valle de Carvalhos (Divino Espirito Santo), concelho da Chamusca, idem.
Vello (S. Thiago), concelho de Arruda, idem.
Villa Verde dos Francos (Nossa Senhora dos Anjos), concelho de Alemquer, idem.
Serra (S. Simão), concelho de Niza, diocese de Portalegre.
Paços de Gaiolo (S. Simão), concelho de Marco de Canavezes, diocese do Porto.
Sul (Santo Adrião, de S. Pedro), concelho de S. Pedro do Sul, diocese de Vizeu.

AGRADECIMENTO.

D. MATHILDE Henriqueta Mendes residente no convento de Santa Clara d'esta cidade, endereça por este meio os devidos agradecimentos a todos os cavalheiros e senhoras, que se dignaram dispensar-lhe os seus obsequios por occasião da sentidissima morte de sua presada irmã D. Joanna Emilia da Gloria, religiosa do supradito convento, e d'isto promete conservar eterna recordação. (33)

ANNUNCIOS.

Pelo Juizo de direito d'esta comarca e cartorio do escrivão Loureiro correm desde o dia 14 d'este mez cartas de editos de 2 mezes, pelos quaes são citados Antonio José Pereira e Manoel José Pereira, filhos de Anastacio José Pereira, moradores que foram na freguezia de S. Pedro de Riva d'Ave, comarca de Villa Nova de Famalicão, e ausentes em parte incerta no Imperio do Brazil, para na segunda audiencia deste Juizo, findo o dito prazo, que deve contar-se desde a sahida do primeiro paquete que seguir de Lisboa para aquelle Imperio, fallarem a um libello movel de divida a quantia de 200,000 rs. e respectivos juros que a junta de parochia da dita freguezia vai tentar contra os ditos ausentes e seus irmãos e cunhado Antonio Maria Pereira e marido Antonio Monteiro e Joanna Pereira, maior de 12 e menor de 25 annos da referida freguezia na qualidade de herdeiros do fiador seu pae mas tambem contra a originaria devedora D. Rita Pimenta d'Oliveira, José Salgado da Cruz e Freitas,

ambos da casa de Pardelhas, freguezia de Guardizella, este tambem na qualidade de fiador. 30

QUEM quizer comprar um calibre, quasi novo, falle em casa do snr. José Mendes Leite, negociante á Senhora da Guia. (32)

BANCO MERCANTIL PORTUENSE.

O agente, n'esta cidade, faz saber aos snrs. accionistas que está auctorisado a pagar o dividendo do segundo semestre de 1862, desde a presente data em diante todos os dias não santificados, no seu escriptorio da rua Sapateira desde as 10 horas da manhã ás 3 da tarde, na razão de oito e meio por cento ou 17:000 rs. por acção.

Guimarães 10 de Março de 1863.

O Agente

Francisco José da Costa Guimarães. 34

ESPECTACULO.

THEATRO DE AFFONSO HENRIQUES

COMPANHIA NACIONAL

Hoje 12 de Março

A 1.ª representação da opera comica em um acto

AMOR AOS BOFETÕES

A 1.ª representação da comedia em um acto

A NETA DO BARÃO

A 1.ª representação da comedia em um acto

O DIABO A QUATRO N'UMA HOSPEDARIA.

Principiará ás 8 horas.

PREÇO DA ASSIGNATURA: — Por uma serie ou 50 numeros 1\$260 rs. — com estampilla 1\$450 rs. — 25 numeros 600 rs. — com estampilla 725 .sr — Folha avulsa 40 rs. — Annuncios por linha 30 rs. — repetição 20 rs. — Correspondencias de interesse particular 30 rs. por linha. — As publicações litterarias serão annuncias las, sendo enviados a esta redacção dois exemplares.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte ao administrador José Antonio de Faria e Silva.